



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA VOLUNTÁRIA – PICVOL

**HOMOPARENTALIDADE: ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
ATRAVÉS DA BRINCADEIRA**

Ciências Humanas
Psicologia
Psicologia do Desenvolvimento

Relatório Final
Período da bolsa: 01/08/2017 a 31/07/2018

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica
PICVOL

Orientador: Elder Cerqueira-Santos
Autora: Ana Beatriz Vilar Lessa

RESUMO

O projeto “Homoparentalidade: Análise do desenvolvimento infantil através da brincadeira” tem como objetivo investigar o desenvolvimento sócio emocional em crianças adotadas por famílias homoafetivas, com intuito de identificar estereotipia e segregação de gênero nas brincadeiras de faz de conta de crianças adotadas por casais homossexuais. Foi utilizada observação de episódios espontâneos de brincadeiras de crianças de 3 a 7 anos, em ambiente natural, tendo como base o modelo de microetnografia de Grenn e Wallat (1981). Foram coletados 44 episódios de brincadeiras espontâneas, tendo sido organizados de acordo com o gênero nas categorias interação, objeto, tipo de brincadeira e tema. Ao final, não foi possível perceber segregação de gênero, havendo, porém, diferenças significativas para estereotipia de gênero.

Palavras-chave: Estereotipia de gênero; brincadeiras de faz de conta; homoparentalidade.

Sumário

| | |
|------------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 4 |
| 2. OBJETIVOS..... | 6 |
| 3. METODOLOGIA DA PESQUISA..... | 6 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES..... | 8 |
| 5. CONCLUSÕES..... | 12 |
| 6. PERSPECTIVAS | 12 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 14 |
| 8. OUTRAS ATIVIDADES | 17 |

1. INTRODUÇÃO

Em outubro de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu o direito de casais homossexuais ao casamento (Ação Direta de Inconstitucionalidade nº. 4277, de 2011), tendo em 2013 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publicado Resolução que impede cartórios de esboçar recusa à celebração ou conversão de união estável em casamento civil entre pessoas do mesmo sexo (Res. CNJ nº. 175, de 14/05/2013). Dessa forma, casais homoafetivos podem adotar conjuntamente, tendo em vista que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) não utiliza orientação sexual como critério de impedimento para tal fim. Logo, casais homossexuais têm os mesmos direitos civis que heterossexuais no que diz respeito ao processo de adoção.

Há, assim, o crescimento do número de famílias homoparentais no Brasil. A homoparentalidade ocorre quando um indivíduo homossexual ou mesmo com identidade de gênero diferente da heteronormativa assume os cuidados parentais de uma criança ou adolescente (Zambrano, 2006). Nesta mesma categoria, há a adoção homoparental, em que o casal adotante é formado por homossexuais (Patterson, 2006). Apesar do aumento no registro de famílias homoafetivas adotantes, Cecílio, Scorsolini-Comin e Santos (2013) mostraram ainda haver incipiente produção científica sobre a parentalidade homossexual.

Para Sohr-Preston, Kliebert, Moreno, Dugar e Zepeda (2017), há vários vieses que podem comprometer o sucesso da adoção, como o suporte social, que não é dado da mesma maneira para casais homossexuais (Brown, Smalling, Groza & Ryan, 2009). Estudo feito por Cerqueira-Santos, Silva, Rodrigues, Santos e Araújo (2017) mostrou que ainda há na população brasileira a imagem de que a família tradicional (formada por pai, mãe e filhos) é a mais saudável e, no caso de homossexuais adotantes, haveria perdas desenvolvimentais para a criança ou adolescente. Apesar dos estigmas e mitos existentes, Santos, Scorsolini-Comin e Santos. (2013) em revisão crítica da literatura, citam Winicott (1999); Barret e Tasker (2001); Beaumatin et al. (2003) e Farias (2010) para evidenciar que as produções científicas indicam não haver efeitos negativos para o desenvolvimento da criança por causa da orientação sexual dos adotantes.

Segundo Carvalho e Pedrosa (2002), a criança tem o poder de criar e difundir normas sociais, como uma microsociedade. A estereotipia de gênero tem grandes repercussões em componentes dos jogos lúdicos dos infantes (Silva et al., 2006) e na situação da brincadeira pode ser definida, conforme Beraldo (1993) citado por Cerqueira-Santos e Bourne (2016), como “a tendência de estruturação de jogos seguindo regras e papéis diferenciados para meninos e para meninas”. As crianças adotadas por casais homoafetivos constituem um grupo que merece atenção à sua socialização, haja vista a regulação de comportamentos que as crianças apresentam nas brincadeiras, influenciadas pelos ambientes socializadores. (Cerqueira-Santos & Bourne, 2016).

De acordo com Silva et al (2006), as diferenciações de gênero são, a princípio, biológicas, entretanto, as formas como essas distinções são processadas e construídas são sociais, pois acontecem no campo do simbólico. Para Souza (2008), a estereotipia e segregação de gênero em atividades lúdicas começam a acontecer entre os 2 e 3 anos com meninas, sendo essas distinções facilmente percebidas nos meninos próximo aos 5 anos. Pode-se constatar de forma objetiva a conexão entre a “cultura”, o “mundo adulto” e o “mundo da criança” a partir dos jogos e brincadeiras tradicionais, os quais apresentam padrões lúdicos (Pontes & Magalhães, 2003). Nota-se, ainda, que a cultura das crianças demora mais a se modificar do que a adulta (a qual tem passado por grandes mudanças, no que diz respeito aos papéis sociais femininos e masculinos), em decorrência de o aprendizado dos valores acontecer através dos pares e não de adultos para infantes; sendo as brincadeiras, portanto, uma importante conjuntura de desenvolvimento (Silva et al, 2006).

Sabendo que não há prejuízos desenvolvimentais em razão da sexualidade dos adotantes, cabe investigar se há mais efeitos das novas configurações familiares sobre os adotados. Entretanto, fenômeno parecido ao da baixa visibilidade da homoparentalidade é observado na área de desenvolvimento infantil com lares homoparentais. De acordo com Cerqueira-Santos e Bourne (2016), não há, no Brasil, pesquisas que investiguem questões desenvolvimentais em crianças adotadas por casais homoafetivos. Nesse sentido, o projeto “Homoparentalidade: Análise do desenvolvimento

infantil através da brincadeira” busca acompanhar crianças brasileiras adotadas em famílias homoparentais, replicando estudo realizado por Cerqueira-Santos e Bourne (2015) no Canadá, em que se encontrou segregação de gênero e pouca esterotipia. Contudo, foi destacado pelos autores que os resultados encontrados podem ser produto das diferenças culturais a que estão submetidas as crianças canadenses, influência do relativismo da cultura (Laraia, 2006).

2. OBJETIVOS

O projeto de iniciação científica “Homoparentalidade: Análise do desenvolvimento infantil através da brincadeira” teve como objetivo principal investigar os papéis de gênero de crianças adotadas por casais homoparentais, por meio de brincadeiras espontâneas de faz de conta.

Como objetivos secundários, a pesquisa buscou analisar e caracterizar os episódios de brincadeira espontânea, além de identificar neles as questões de gênero (estereotipia e segregação). Por fim, objetivou-se tratar das questões de gênero no desenvolvimento infantil.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Estudo – Desenvolvimento Social de Crianças Adotadas por Casais do Mesmo Sexo: Um estudo sobre a Estereotipia de Gênero durante as Brincadeiras Espontâneas.

O estudo seguiu o modelo da microetnografia de Grenn e Wallat (1981), descrito no Brasil por Sager e Sperb (1998). Tal desenho utiliza técnica da observação naturalística com foco em padrões de participação em episódios de brincadeira num contexto específico.

Amostra

As observações foram realizadas em um contexto natural (parques, praças, condomínios), tendo como foco uma criança. As crianças foram encontradas via internet a partir do contato com casais do mesmo sexo que adotaram crianças, nos estados da Bahia, São Paulo e Sergipe. Pela dificuldade em encontrar participantes, a coleta de dados foi realizada através de vídeos espontaneamente enviados pelas famílias, contabilizando

aproximadamente uma hora de observação para cada criança. Ao todo, foram coletados dados de 3 crianças, entre 2 e 6 anos de idade.

Situação e Procedimentos

Para a coleta de dados foi realizado registro cursivo e registro de episódios seguindo uma ficha a ser preenchida. Dois pesquisadores realizaram os registros (um para cada técnica). A ficha de observação está descrita na seção instrumento.

Instrumento

Dois instrumentos foram utilizados. Uma folha de registro para anotações cursivas, que foi utilizada por um dos pesquisadores; e, um protocolo de registro de episódio baseado no estudo de Wanderlind et al. (2006), utilizado pelo segundo pesquisador. Tal protocolo segue as categorias:

Tipo de interação: número de crianças no episódio: a) sozinha; b) díade ou, c) grupo.

Gênero: a) homogêneo – criança foco brinca com parceiros do mesmo sexo; b) Grupo misto – criança foco brinca com parceiros de sexo oposto ou de ambos os sexos.

Uso de objetos: a) uso de brinquedo; b) uso de objetos; c) sem uso de brinquedos ou objetos.

Tipo de brincadeira (baseado em Morais & Otta, 2003): a) fantasiosa – brincadeiras que incluem tratar os objetos como se fossem outros, atribuir a si e aos outros papéis diferentes dos habituais, criar cenas imaginárias e representá-las, como heróis, monstros etc; b) realística – situações em que a criança utiliza o faz-de-conta replicando e transformando uma situação da vida cotidiana, como esportes, profissões, casinha; c) turbulenta – ocorre quando a criança exibe movimentos bruscos, semelhantes aos de uma luta, porém manifestando expressão facial hilariante, ao mesmo tempo em que o oponente “atacado” não demonstra nenhuma expressão de ressentimento (atividades que envolvem luta perseguição e fuga, provocação e zombaria, rolar em dupla no chão, encostar no colega de forma brusca); e, d) jogos - Inclui-se aí os jogos sociais de regras (envolvem a ritualização de papéis, um ciclo repetitivo de ações e, em geral, são competitivos).

Temas das brincadeiras: Foram classificados temas mais recorrentes a posteriori.

Análise de Dados

Os dados dos protocolos foram checados a partir da leitura do registro cursivo de cada episódio a fim de verificar a precisão do registro. Em seguida foram inseridos no software SPSS 17 for Windows seguindo as categorias a priori descritas. Foram realizadas análises univariadas de todas as variáveis, assim como análise bivariada (Qui-Quadrado) entre as características dos episódios e os grupos por sexo.

Questões éticas (estudos envolvendo seres humanos)

Os aspectos éticos que garantem a integridade dos participantes deste estudo serão assegurados, com base na Resolução nº 466 que consiste em diretrizes e normas que regulam as pesquisas com os seres humanos (Conselho Nacional de Saúde, 2012) e na Resolução nº 016 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2000). Tal projeto utilizou imagens produzidas e disponibilizadas pelos responsáveis sem a intervenção dos pesquisadores. Não houve nenhuma intervenção às situações naturais ou para produção do material.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos 44 episódios observados, foi realizada a distribuição de acordo com foco em meninos (16 episódios) e em meninas (28 episódios), seguindo os critérios descritos no método. A amostra foi composta por uma menina de 2 anos, que brincou com uma das mães; um menino de 4 anos, que brincou com a babá ou sozinho e um menino de 6 anos, o qual brincou com o irmão mais velho ou sozinho. A menina e o menino de 4 anos tinham livre acesso a seus brinquedos, por se encontrarem em seus quartos durante a coleta, enquanto o menino de 6 anos brincou em um parque da cidade, com acesso apenas a playground e elementos do ambiente natural (árvores, terra, dentre outros).

A tabela 1 apresenta os dados com as diferenças percentuais para os grupos de meninas e meninos de acordo com a interação entre crianças, uso de objetos e tipos de brincadeira. No quesito interação, foi observada diferença,

com incidência maior para brincadeiras solitárias. Para uso de objetos foi notada expressiva diferença ($X^2 = 19,51$; $p < 0,001$), denotando estereotipia de gênero. No que diz respeito ao tipo de brincadeira também houve relevante diferença, tendo em vista que os meninos brincaram mais de brincadeiras turbulentas e realísticas e com a menina não foi registrada brincadeira turbulenta. Esses dados encontram-se consoantes ao esperado, tendo em vista que de acordo com Cerqueira-Santos e Bourne (2016) crianças filhas de famílias homoparentais tendem a reproduzir nas brincadeiras os padrões do mundo adulto de forma semelhante às crianças educadas em lares heterossexuais.

Tabela 1

Teste de Qui-Quadrado para interação grupal, uso de objetos e tipos de brincadeira

| | Menino | Menina | Teste |
|----------------------------|-----------|------------|-------------------|
| <i>Interação</i> | N (%) | N (%) | X^2 (p) |
| Solitária | 14 (87,5) | 28 (100) | 3,66 (p=0,05) |
| Díade | 2 (12,5) | 0 | |
| <i>Uso de Objeto</i> | N (%) | N (%) | X^2 (p) |
| Brinquedo | 5 (31,25) | 26 (92,86) | 19,51 (p < 0,001) |
| Objeto | 8 (50,00) | 0 | |
| Sem Objeto | 3 (18,75) | 2 (7,14) | |
| <i>Tipo de Brincadeira</i> | N (%) | N (%) | X^2 (p) |
| Fantasia | 2 (12,25) | 6 (21,42) | 12,16(p=0,002) |
| Realística | 8 (50,00) | 22 (78,58) | |
| Turbulenta | 6 (37,75) | 0 | |

A figura 1 mostra a distribuição de frequência dos temas das brincadeiras, os quais denotam estereotipia de gênero na escolha da brincadeira, porque meninos tendem a se entreter com temas mais ligadas aos papéis sociais masculinos, como profissão, transporte e brincadeiras turbulentas de parque de diversões (como balanço, pega pega, corrida, escorregador etc). Esses dados encontram-se de acordo com o esperado, pois estudos anteriores mostraram que brincadeiras com maiores níveis de confronto e desafio têm maior participação masculina, sendo as brincadeiras externas consideradas de meninos (Silva et. al, 2006; Souza, 2008). Entretanto, também foram registrados episódios da menina se ocupando com atividades mais masculinas, como transportes, profissão e parque de

diversões. De acordo com Souza (2008), há uma tendência de diminuição dos estereótipos de gênero nas brincadeiras, porque as mulheres têm conquistado mais espaços e essa aproximação unilateral entre os sexos se reflete nas brincadeiras infantis, em que meninas têm desempenhado mais atividades masculinas.

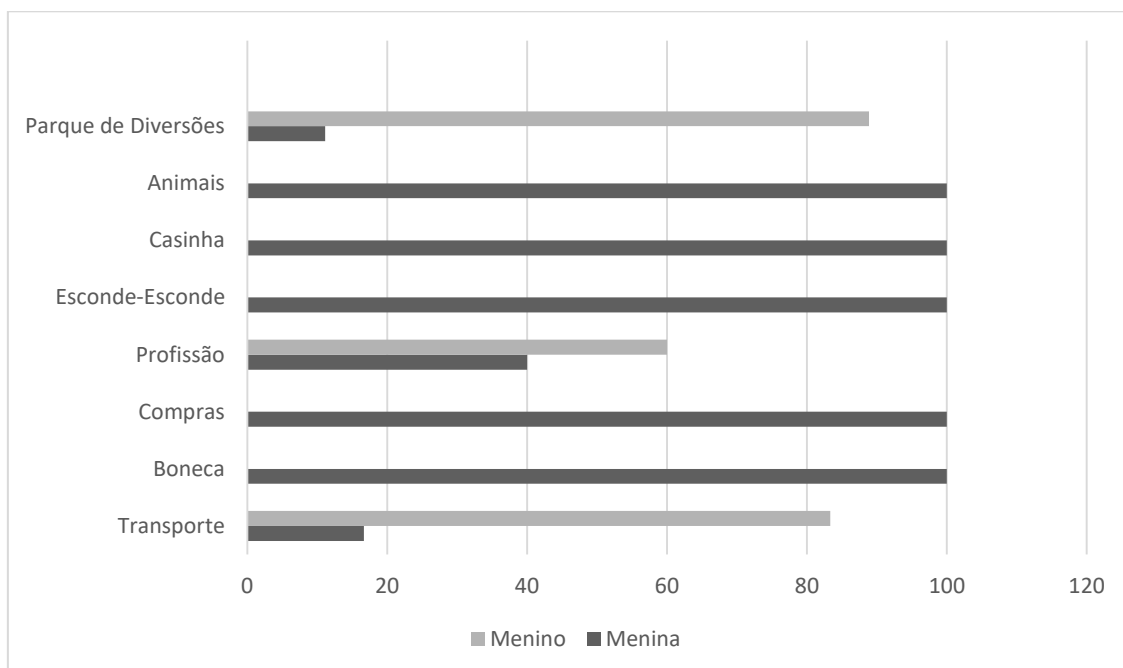


Figura 1. *Frequência de temas das brincadeiras de acordo com os gêneros das crianças*

A figura 2 traz a frequência da estereotipia de brinquedos usados pela menina. Destaca-se no uso de objetos desta criança, a estereotipia dos brinquedos utilizados por ela; já que de 28 episódios, em 26 houve emprego de objetos, dos quais 23 eram brinquedos femininos. Entre os objetos da infante, salienta-se ainda que quase todos expostos durante a pesquisa se encaixam na lógica estética ou funcional da estereotipia de gênero; por exemplo, carrinho de compras rosa, cozinha composta por forno e pia, vassoura, várias bonecas, panelas, entre outros. Ademais, durante a coleta de dados, do meio masculino, a criança usou apenas um carrinho de corda (item que ela demonstrou baixa afinidade e em pouco tempo de brincadeira o dispensou) e de brinquedos neutros houve incidência somente nos temas animais e profissão.

Relativo às brincadeiras da menina, alguns episódios se destacaram. Dentre eles, houve um em que a criança simulava as compras no

supermercado quando disse à mãe, a qual estava em frente à caixa registradora, que o pai já iria “passar o cartão para pagar” pelos produtos que ela levava no carrinho rosa. Dados como esse apontam para a interferência que a macro cultura (por meio da mídia, convívio escolar, família extensa, entre outros) exerce no desenvolvimento infantil e que se manifesta na cultura do brinquedo, através de valores e performances (Carvalho & Pedrosa, 2002). Além disso, não se pode descartar, também, a influência de fatores biológicos na origem dos papéis e comportamentos diferenciados por gênero (Silva et al., 2006).

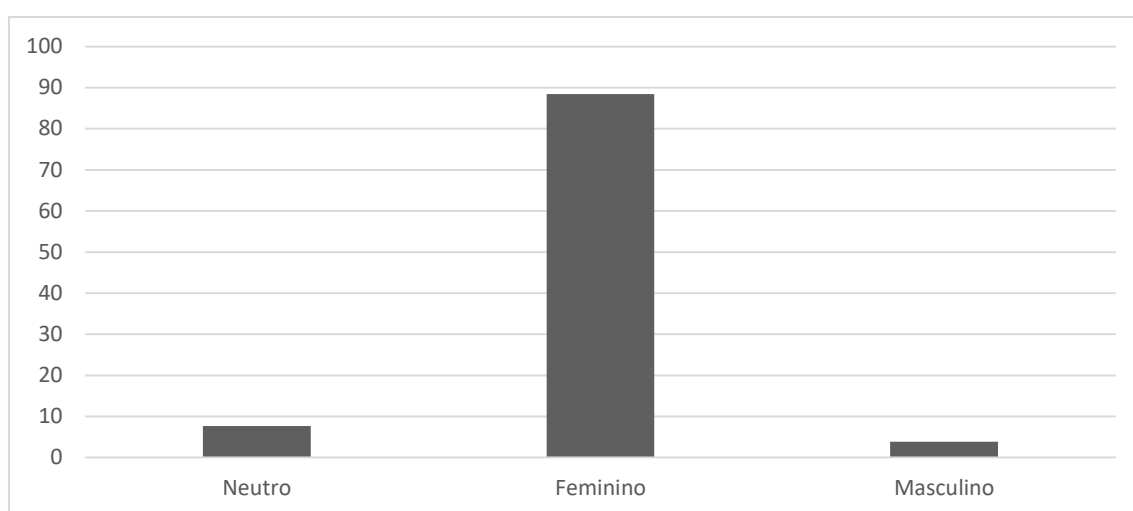


Figura 2. *Frequência da estereotipia dos brinquedos da menina*

Apesar de os responsáveis terem espontaneamente enviado os vídeos das crianças, houve, todavia, grande dificuldade em encontrar participantes para a pesquisa, o que pode ser causado pela pouca quantidade de adoções homoparentais oficiais. Pode-se notar isso através do projeto anterior de iniciação científica coordenado pelo professor Cerqueira-Santos, em que foi realizada análise dos pareceres psicológicos dos adotantes na 16ª Vara Cível Privativa da Infância e da Juventude da Comarca de Aracaju do TJSE e foram encontrados apenas 7 processos de adoção homoparental entre 2011 e 2016.

Em decorrência de as crianças não terem a oportunidade, durante o estudo, de realizar as atividades lúdicas em grupos heterogêneos, não foi possível observar a ocorrência de segregação de gênero.

5. CONCLUSÕES

O presente estudo teve como intuito maior investigar se crianças brasileiras adotadas por casais homoafetivos aprendem e reproduzem estereotipia e segregação de gênero em brincadeiras de faz de conta. Em detrimento do obstáculo em ter uma amostra representativa e maior, não se pode generalizar os resultados da presente pesquisa; contudo, ela indica haver uma convergência entre os achados de estudos anteriores com crianças filhas de famílias homoparentais em outros países e no Brasil. Isso porque pode-se perceber uma forte tendência dos filhos de famílias homoafetivas a reproduzirem os padrões de gênero de maneira bastante similar que os filhos de pais heterossexuais, como demonstrado por Cerqueira-Santos e Bourne (2016) em estudo realizado com crianças canadenses.

Outrossim, pode-se observar alterações sociais impactando nas brincadeiras das crianças, fato já apontado por pesquisa de Goldberg et al. (2012) nos Estados Unidos. O atual estudo encontrou indícios das transformações que vêm acontecendo no mundo adulto, em que mulheres têm desempenhado papéis mais diversificados. Como a menina que, ainda que a maioria de seus brinquedos seja estereotipada, gradualmente começa a se aproximar de brincadeiras masculinas, evidenciando a hipótese da aproximação unilateral (et al., 2006).

6. PERSPECTIVAS

O projeto de pesquisa “Homoparentalidade: Análise do desenvolvimento infantil” encontrou como principal desafio a dificuldade em encontrar participantes para a pesquisa. Dessa forma, sugere-se que haja outros estudos com mais crianças para ter uma amostra mais representativa da população brasileira. Além disso, recomenda-se que as próximas pesquisas tenham grupos heterogêneos dos infantes, a fim de verificar se há segregação de gênero nas crianças adotadas por casais homossexuais. Visto que é através do grupo de pares que ocorre a aprendizagem e desenvolvimento de atitudes, valores e papéis sociais na infância (Harris, 1995; Pontes & Magalhães, 2003).

Assim como deve-se investigar, em pesquisas futuras, de que formas as mudanças relativas a papéis sociais femininos e masculinos têm influenciado na cultura da infância.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ação Direta de Inconstitucionalidade (Med. Liminar) 4277-7. (2011).
- Brown, S., Smalling, S., Groza, V., & Ryan, S. (2009). The experiences of gay men and lesbians in becoming and being adoptive parents. *Adoption Quarterly*, 12, 229-246. <https://doi.org/10.1080/10926750903313294>
- Carvalho, A. M. A., & Pedrosa, M. I. (2002). Cultura no grupo de brinquedo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(1), 181-188. doi: 10.1590/S1413-294X2002000100019
- Cecílio, M. S., Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2013). Produção científica sobre adoção por casais homossexuais no contexto brasileiro. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), 507-516.
- Cerqueira-Santos, E. & Bourne, J. (2015). Papéis de gênero nas brincadeiras de faz de conta de crianças adotadas por casais do mesmo sexo. *Contexto Clínicos*, 8 (1), 38-45. doi: 10.4013/ctc.2015.81.04
- Cerqueira-Santos, E. & Bourne, J. (2016). Estereotipia de gênero nas brincadeiras de faz de conta de crianças adotadas por casais homoparentais. *Psico-USF*, 21 (1), 125-133. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712016210111>
- Cerqueira-Santos, E., Silva, B. B., Rodrigues, H. S., Santos, L. & Araujo, L. F. (2017). Contato Interpessoal com homossexuais e crenças sobre a adoção homoparental. *Subjetividades*, 17 (2), 87-100.
- Conselho Nacional de Saúde (1996). Resolução nº196/1996, 16 de outubro de 1996. Brasília, DF.

- Estatuto da Criança e do Adolescente. (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Lei nº 8060, de 13 de julho de 1990. Brasília – DF.
- Goldberg, A. Kashy, D., & Smith, J. Z. (2012). Gender-typed play behavior in early childhood: Adopted children with lesbian, gay and heterosexual parents. *Sex Roles*, 67, 503-515. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3572788/>
- Harris, J. (1999). *Diga-me com quem anda...* Rio de Janeiro: Objetiva.
- Morais, M. L. S. & Otta, E. (2003). Entre a serra e o mar. In: A. M. A. Carvalho; C. M. C. Magalhães; F. A. R. Pontes & I. D. Bichara (Orgs.), *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca*. (pp. 127-157). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Laraia, R. B. (2006) *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Patterson, C. (2009). Children of lesbian and gay parents: Psychology, law, and policy. *American Psychologist*, 64, 727–736.
- Pontes, F. A. R., & Magalhães, C. M. C. (2003). A transmissão da cultura da brincadeira: Algumas possibilidades de investigação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), 117-124
- Resolução Nº 175 de 14/05/2013 do Conselho Nacional de Justiça. Acessado em 12 de jan. de 2018. Disponível de <http://www.cnj.jus.br/atos-normativos?documento=1754>
- Sager, Fabio, & Sperb, Tania M. (1998). O brincar e os brinquedos nos conflitos entre crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 309-326.

- Santos, Y. G. S., Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2013). Homoparentalidade masculina: Revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26 (3), 572-582
- Silva, L. I. C., Pontes, F. A. R., Silva, S. B., Magalhães, C. M. C., & Bichara, I. D. (2006). Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeira na rua: A hipótese de aproximação unilateral. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(1), 114-121. doi: 10.1590/S0102-79722006000100016
- Souza, M. C. S. (2008). Gênero e lúdico: um estudo com crianças na educação infantil. Apresentado em Fazendo Gênero 8- Corpo, Violência e Poder. Retirado de http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Gisele_Maria_Costa_Souza_10.pdf
- Sohr-Preston, S. L., Kliebert, H., Moreno, O., Dugas, T. & Zepeda, D. (2017). Expectations of male and female adoptive parentes of diferente marital status and sexual orientation. *International Journal of Psychological Studies*, 9 (3), 92-104. doi:10.5539/ijps.v9n3p92
- Wanderlind, F., Martins, G. D. F., Hansen, J., Macarini, S. M., & Vieira, M. L. (2006). Diferenças de gênero no brincar de crianças pré-escolares e escolares na brinquedoteca. *Paidéia*, 16(34), 263-273.
- Zambrano, E. (2006). O direito a homoparentalidade: Cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais. *Instituto de Acesso a Justiça*. Porto Alegre.

8. OUTRAS ATIVIDADES

Além das atividades relativas às reuniões semanais, a discente realizou publicações no blog do grupo Sexus (<http://sexusufs.wordpress.com>), o qual trata de temas concernentes a sexualidade e gênero.

Em virtude da participação no grupo de pesquisa coordenado pelo professor orientador do Picvol, a discente pode participar como ouvinte de uma breve capacitação fornecida por integrantes graduados do grupo para alunos de medicina. O propósito da atividade foi fornecer para os discentes de medicina maior preparo para lidar com a etapa de educação sexual para adolescentes em uma ação voluntária da área médica. A participação no treinamento foi, para a bolsista, bastante enriquecedora e, de igual forma, proveitosa para o arcabouço científico teórico e prático.

Houve, também, participação da bolsista, como ouvinte, no minicurso “Gerenciamento de referências bibliográficas” referente à Semana Acadêmica da Universidade Federal de Sergipe. Nele, a aluna pode aprender sobre como manusear softwares de gerenciamento de referências bibliográficas para melhor planejar, organizar e formatar pesquisas e produção de redações científicas

Outro momento de grande importância para a formação da aluna - que aconteceu em virtude de sua participação no grupo de pesquisa - foi a atuação, como monitora, no XI Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento. No evento, além da participação em minicursos, simpósios, mesas redondas, dentre outros, se deu o contato com vários pesquisadores de outras instituições e atualização na área do tema de pesquisa da bolsa.

Ao longo do projeto, foram realizadas reuniões semanais no grupo de pesquisa, com o intuito de discutir leituras bibliográficas, sendo atribuído, a cada bolsista, a apresentação de um texto relativo ao seu plano de trabalho, a fim de discernir pontos que possam acrescentar ao estudo. Foram lidas, também, publicações anteriores do grupo de pesquisa, que abordam o tema da homoparentalidade e desenvolvimento infantil, para melhor entendimento de constructos fundamentais para o projeto atual. Além disso, foram discutidos artigos de um estudo anteriormente feito pelo professor orientador no Canadá, com problema de pesquisa bastante similar ao atual e mesma metodologia, podendo-se, assim, estudar as técnicas de pesquisa utilizadas no estudo

“Homoparentalidade: Análise do desenvolvimento infantil através da brincadeira”.

A discente foi, ainda, a reuniões de famílias homoparentais de Sergipe com o objetivo de estabelecer contatos e angariar participantes para posterior realização da coleta de dados. A partir de indicação obtida em um desses encontros, pode-se estabelecer comunicação com uma família que aceitou que o filho (com perfil pertinente ao da amostra necessária) participe da pesquisa.

Ademais, a aluna realizou o piloto da pesquisa conjuntamente às duas outras discentes do mesmo projeto, praticando a técnica de observação que será aplicada na coleta de dados. Foi feita a observação de 2 crianças-foco, com total de 11 episódios de brincadeira. Deste modo, foi possível averiguar quais falhas as bolsistas precisam resolver para uso eficiente do instrumento na posterior coleta de dados. O piloto foi, dessa forma, realizado dentro do tempo planejado.